



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **11/08/2018**

Aprovado em: **11/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.23.01>

A transferência na clínica psicanalítica: vicissitudes

EIXO: 23. PESQUISA FORA DO CONTEXTO EDUCACIONAL

ANNA LUIZA DANTAS SALIM, ELZA FERREIRA SANTOS

A.

Este artigo visou abordar as principais vicissitudes do conceito de transferência na teoria da clínica psicanalítica. A transferência é um fenômeno paradoxal. No manejo da transferência está uma das principais tarefas do analista e o motor da análise, mas também a principal resistência a sua continuidade. O sujeito suposto saber é o fundamento transfenomênico da transferência e constitui-se como condição necessária para análise que o analista assuma o lugar de Outro. A partir do estudo realizado, verificou-se a dualidade constitutiva do fenômeno da transferência na clínica psicanalítica, pois esta pode se configurar tanto como maior facilitador quanto como pior empecilho ao tratamento analítico. Também foi constatado que o uso terapêutico da transferência independe do colorido afetivo predominante, não havendo uma relação linear entre o afeto predominante e o tipo de transferência desenvolvido.

•

A.

This article aimed to approach the main vicissitudes of the concept of transference in the psychoanalytic clinical theory. The transference is a paradoxical phenomenon. On the management of transference, there is one of the main tasks of the analyst and the engine of the analysis, but also the main resistance to its continuity. The subject supposed to know is a transphenomenic basics of transference and it is as a necessary condition for analysis that the analyst assumes the place of Other. Based on the study conducted, it was verified the constitutive duality of the transference phenomenon on the psychoanalytic clinic, because it might be or the main enabler, or the worst obstacle to the treatment. Also was verified that the therapeutic use of transference is independent of its main affective color, and that there is not a linear relation between the main affection and the type of transference developed.

Keywords: Transference. Duality. Affection.

A.

Éste artículo buscó abordar las principales vicisitudes del concepto de transferencia en la clínica psicoanalítica. La transferencia es un fenómeno paradójico. En el manejo de la transferencia está unas de las principales tareas del analista y el motor del análisis, pero también la principal resistencia a su continuidad. El sujeto supuesto saber es el fundamento transfenoménico de la transferencia y constituyese cómo condición necesaria para el análisis que el analista sea ubicado como Otro. Mediante el estudio realizado, se constató la dualidad constitutiva del fenómeno de la transferencia en la clínica psicoanalítica, pues ésta puede configurarse o cómo mayor facilitador o como peor impedimento para el tratamiento. También fue constatado que el uso terapéutico de la transferencia independe del colorido afectivo predominante, no habiendo una relación linear entre el afecto predominante y el tipo de transferencia desarrollada.

Palabras-clave: Transferencia. Dualidad. Afecto.

1. INTRODUÇÃO

A transferência é um tema recorrente na literatura psicanalítica. Tal fato indica não somente sua relevância teórica, mas também sua centralidade para a clínica, a qual não pode existir sem a regra da associação livre e sem o manejo da transferência. Freud (1912a/2010; 1915/2010) constatou que a transferência, embora compareça como um significativo obstáculo para a rememoração, pode prestar inestimável auxílio na localização dos complexos inconscientes. Lacan (1964/1998) alçou-a a um dos quatros conceitos fundamentais da psicanálise em seu ensino. A transferência é um eixo tão importante para o trabalho do psicanalista que há unanimidade entre as diferentes escolas de psicanálise quanto a sua importância- conquanto as divergências quanto ao seu manejo sejam abissais (MILLER,2002).

A transferência é um fenômeno que atravessa inúmeras relações sociais, atestando o poder do inconsciente e a incessante atualização dos significantes que marcaram a história do sujeito, assim como o caráter maleável da realidade em relação ao desejo inconsciente. A transferência é patente em toda relação em que há demanda de um saber, como no âmbito da saúde e da educação. É determinante para a eleição do objeto amoroso, sendo o amor um fenômeno transferencial. A transferência é também essencial para explicar as antipatias gratuitas. Não obstante ser presença corriqueira na cultura, foi a psicanálise a primeira a conceder importância ao fenômeno segundo uma ótica científica. Freud se deparou com a surpresa, o inesperado interesse despertado no analisante pelo analista desde o episódio com Breuer e Anna O. Na psicanálise, a transferência, com toda a sua dualidade, se torna uma questão de primeira ordem. O manejo da transferência é o eixo em relação ao qual o analista deve situar seu trabalho, devendo servir-se dela, mas também analisá-la e mitigá-la ao fim do tratamento.

Este artigo visou retomar os estudos freudianos e lacanianos de transferência, assim como abordar as principais vicissitudes desse conceito para a clínica psicanalítica: a resistência, a repetição, os afetos, o sujeito suposto saber e o desejo do analista.

2.DESENVOLVIMENTO

1. A TRANSFERÊNCIA EM FREUD

Nos “Escritos técnicos”, um dos temas abordados por Freud é a manifestação da transferência na clínica psicanalítica. A transferência é definida como a repetição dos padrões libidinais do sujeito, adquiridas nos primórdios de sua existência, nas suas relações atuais. Essas repetições não são idênticas, podendo sofrer alterações de acordo com a situação atual. Estes padrões libidinais moldarão em grande parte as relações do presente, transferindo, deslocando para elas as representações de figuras significativas- as imagos, assim como os afetos suscitados por essas figuras. Ressalte-se, que a transferência também revela muito do posicionamento subjetivo, mediante a interação social, basilar para a constituição do indivíduo. A pregnância das imagos inconscientes intervirá de forma acentuada na relação analisante-analista, mostrando em toda a sua atualização não só os conflitos patogênicos, mas as relações que os favoreceram (FREUD, 1912/2006; MAURANO,2006).

O fenômeno da transferência parece indicar para um puro conservadorismo da vida psíquica, engessando a vida à repetição indefinida do reprimido, o que anularia a razão de ser da psicanálise. Na verdade, as modalidades da transferência, os clichês que a constituem podem ser parcialmente modificados pelas impressões recentes. Ademais, a transferência repete e encena os conflitos inconscientes, tornando-os manifestos. A atuação é uma rememoração que não passa pela palavra, mas com o adequado manejo, favorece que os conflitos patogênicos e o recalado serão integrados à

história do sujeito e elaborados. Uma questão delicada que se coloca para o analista é manejar essa repetição e impedir que ela seja destrutiva para a análise. A questão do manejo da transferência é o que torna a psicanálise um trabalho artesanal, feito de tato e não de regras técnicas fixas como receitas (FREUD, 1912; 1914).

Miller (2002) ressalta três dimensões da transferência que se sobressaem ao longo da obra de Freud: a dimensão de repetição, a dimensão de resistência e a dimensão de sugestão. Estas dimensões podem aparecer ao longo da análise de um mesmo indivíduo. A técnica psicanalítica possui algumas regras que a caracterizam. A análise visa restaurar a continuidade da história do sujeito, visando à rememoração e a elaboração dos conteúdos recordados. A repetição surge como obstáculo ao recordar e por isso é considerada o principal tipo de resistência. A repetição transferencial viola a regra fundamental da psicanálise, que é a associação livre, pois seu tipo de memória não passa pela enunciação e sim pelo ato. Com a repetição transferencial, o passado se imiscui ao presente e o sujeito age de acordo com motivações de seu passado, de caráter inconsciente. Não há mais a distinção temporal clara que havia na hipnose. A transferência enquanto repetição do recalado reproduz, a maneira de uma alucinação, o que não poderia passar pela palavra, colocando à disposição do analista um material que diz respeito ao que há de mais íntimo na vida do sujeito (FREUD, 1912; 1914; 1915; MEZAN, 1998).

Tudo que se opõe aos objetivos do tratamento deverá ser considerado uma resistência. Entre os objetivos da psicanálise está a desfazer recalques secundários e outros mecanismos de defesa que fracassaram em defender o sujeito do desprazer e da angústia. A resistência, pelo contrário, deseja manter as defesas como estão, resguardando-as, pois, a emergência do recalado também traz desprazer. Logo, a transferência é também uma resistência, haja vista que se opõe à recordação, ou seja, à regra fundamental de que o indivíduo deve descrever sua superfície psíquica, do *hic et nunc*, para o analista. Enquanto resistência, a transferência é uma surpresa ingrata. É quando se aproxima de um complexo patogênico inconsciente relevante, que a transferência surge ou se acentua, servindo aos objetivos da resistência. É somente a partir do momento que a transferência passa a servir a resistência, ou seja, quando interrompe a associação livre com o silêncio, que ela deverá começar a ser trabalhada em análise (FREUD, 1912; 1913; 1914).

A psicanálise é responsável por criar uma doença artificial, a neurose de transferência. O surgimento da neurose de transferência decorre da mobilização do desejo inconsciente propiciada pelo tratamento. Mesmo com a dissolução de alguns sintomas e as alterações na vida psíquica, os conflitos inconscientes que geraram a neurose continuam trabalhando, ocasionando o deslocamento do sintoma para a relação transferencial. A neurose de transferência consiste numa zona intermediária entre o sintoma original, que motivou o tratamento, e a vida após a análise. Nesta relação, o analista será o receptáculo dos derivados do inconsciente reprimido que acederam à consciência: surgem todas as patologias do analisante, inclusive nos modos de relacionar-se. A vantagem é que o analista acompanhou o nascimento da nova doença, e terá maior discernimento dos aspectos exacerbados por elementos transferenciais. Por esse motivo, Freud (1913) recomenda que se evite iniciar uma análise quando o analisando já possui uma atitude transferencial pronta para com o analista. A desvantagem da neurose transferencial é que ela mobiliza a repetição no paciente de impulsos profundos e arcaicos, a qual se não ficar circunscrita ao tratamento, pode trazer-lhe sérios prejuízos. O manejo da transferência cabe ao analista a fim de que a piora durante a terapia não se alastre por todos os âmbitos da vida do sujeito, causando-lhe danos quiçá irreversíveis (FREUD, 1914; MILLER, 2002).

A tarefa de manejar a transferência é muito complexa. O analista, por um lado, não pode rechaçar a transferência, independentemente de seu colorido afetivo, pois ela presta o serviço inestimável de

tornar acessíveis os conflitos inconscientes que de outra forma estariam inacessíveis. Mas por outro lado, o analista não pode corresponder, como o faria numa relação interpessoal, aos afetos que aí se apresentam. Contratransferência é como denomina-se a correspondência do analista a esses sentimentos. O analista deve cultivar a transferência, e as resistências que nesse campo se apresentam, para interpretá-la e fazer com aquilo que é atuado passe ao campo da palavra. Cabe ao analista, através do manejo, tentar fazer um uso positivo da transferência que lhe é dirigida. É a elaboração da transferência e da resistência que diferencia a psicanálise da sugestão. O termo luta com as resistências parece inapropriado, pois é necessário dar tempo ao analisante para que ele possa aceitá-las conscientemente e então elaborá-las. Não é possível impor a elaboração ao sujeito, como ocorre nas mudanças ocasionadas pela sugestão, sendo preciso respeitar-lhe o ritmo (FREUD, 1914; 1915; 1917; MEZAN, 1998).

A transferência é um fenômeno paradoxal. No manejo da transferência está uma das principais tarefas do analista e o motor da análise, mas também a principal resistência a sua continuidade. O analista só deve interpretar quando constatar que a transferência foi instalada, pois ela indica que o inconsciente está acessível. Por outro lado, a transferência barra a palavra, haja vista que a proximidade com o inconsciente provoca uma reação, que é a resistência (MILLER, 2002).

A posição que o analista deverá assumir é formulada pela regra da abstinência que recomenda ao analista não atender às demandas que o paciente traz na transferência. Freud (1915) se refere a não corresponder as exigências de amor, mas isso significa também não corresponder às exigências de ódio, assim como não se colocar no nível da amizade, de quem sente compaixão e consola. É nesse sentido que o analista é comparado a um espelho que deve servir como superfície de projeção da transferência do analisante, mas cujo interior deve permanecer opaco. Quando o analista viola a regra da abstinência, ele incorre numa atitude contratransferencial. Se faz mister observar, contudo, que essa neutralidade não é uma regra, mas um ideal a ser perseguido (FREUD, 1912).

Uma questão cara à Freud na sua teorização sobre a transferência são os afetos que caracterizam a relação transferencial. O tipo de afeto predominante na transferência subsidia a hipótese diagnóstica, definindo o limite do analisável. Em relação aos afetos, ele as qualificará em “A dinâmica da transferência” como positiva ou negativa. A transferência positiva concerne aos sentimentos amistosos ou amorosos com relação ao analista. Já a transferência negativa concerne tanto ao ódio quanto à ambivalência. A intensidade do afeto é um fator importante para determinar se a transferência servirá à resistência. Para Freud (1912), a transferência positiva branda facilita a recordação sem maiores resistências, enquanto uma transferência positiva acentuada ou erótica serve à resistência. No mesmo texto, aponta-se que a transferência negativa e a transferência positiva erótica costumam substituir a recordação por atuação, servindo à resistência. Neste momento teórico, Freud têm como referência as neuroses de transferência, como a histeria e a neurose obsessiva. Nelas, a ambivalência afetiva é marcante, tornando possível que ao longo do tratamento compareça mais de um tipo de transferência. A paranoia, devido à predominância dos afetos hostis é considerada inacessível ao trabalho psicanalítico. Outra característica desse momento teórico é entender de forma mais linear e estável os usos terapêuticos da transferência de acordo com o afeto predominante (ROBERT, 2015).

Num momento posterior de sua obra, Freud (1917) passa a enxergar de forma menos dicotômica os usos terapêuticos da transferência, ao observar que a hostilidade, assim como a afetividade, indica uma vinculação afetiva e que ambos tipos de transferência podem servir como mola terapêutica, sendo a indiferença que marca a inacessibilidade pela análise:

“Superamos a transferência mostrando ao paciente que seus sentimentos não

se originam da situação atual e não se aplicam à pessoa do médico, mas sim que eles estão repetindo algo que aconteceu anteriormente. Desse modo, *a transferência, que, amorosa ou hostil, parecia de qualquer modo constituir a maior ameaça ao tratamento, torna-se o melhor instrumento (grifo nosso), com cujo auxílio os mais secretos compartimentos da vida mental podem ser abertos*” (Freud, 1917, p.444-445)

Os afetos presentes na transferência não determinam seu uso terapêutico. O quadro da psicopatologia e a singularidade de cada caso é que determinaram se a transferência está ou não servindo às resistências. Robert (2015) aponta que é a agressividade que pode ser importante para a autonomização do sujeito, especialmente nos quadros em que predomina o masoquismo moral e nas neuroses traumáticas. Abaixo serão abordadas as transferências de sentimentos afetuosos e hostis, consideradas em sua dualidade.

A transferência vai se estabelecendo e/ou se configurando ao longo da análise, embora os afetos já estejam prontos e a espera de descarga no analisante. O conhecimento dos processos psíquicos fornecido pelas comunicações do analista pode ensejar uma relação de cordialidade. O analisante passa a valorizar significativamente o analista, manifestando sua admiração e gratidão. As relações se tornam agradáveis, a lembrança e o progresso terapêutico parecem ser catalisados. Não obstante, essa transferência branda e afetuosa pode ser negativa para o processo analítico se decorrer de uma postura passiva do analisante, que aquiesce à todas as interpretações do analista, à maneira de uma sugestão. Outro cuidado que se deve ter em relação à aceitação plácida das interpretações é em relação a sujeitos nos quais predomina o masoquismo moral, que aquiescerão às intervenções como uma modalidade de autopunição (FREUD,1917; ROBERT,2015).

O amor surge na relação transferencial como uma surpresa. Freud (1915b) define o amor como as relações de prazer do Eu com o objeto. Evoluindo de uma cordialidade, um amor sublimado, que em muito beneficiou o tratamento, a transferência erótica estagna a análise. Este amor se manifesta em diferentes intensidades, podendo se manifestar como uma paixão ou como uma relação filial, por exemplo. O analista passa a ocupar um lugar nas associações do analisante, o analisante pode florescer seu discurso com vistas a se apresentar agradável e mudar sua postura, etc. Ante o amor transferencial, o psicanalista deve se ater à regra de abstinência, e evitar assumir o papel em que é colocado, mas sem repelir a viva ilustração que dessa forma se oferece a ele dos modos em que o sujeito se porta nas suas relações, exibindo suas escolhas infantis de objeto e fantasias. Se o analista cede às demandas eróticas no curso do tratamento analítico, os efeitos serão nefastos. A experiência do erotismo contratransferencial deve ser analisada e nunca atuada enquanto durar a análise. O amor transferencial, se inibido na sua meta pelo manejo, poderá alimentar o empenho do analisante na cura. O amor que surge em relação ao analista não pode ser considerado um falso amor, pois todo amor é transferencial e segue modelos infantis, assim como todo amor é marcado pela exacerbação que beira o patológico. Não obstante, o amor experimentado em análise costuma ser ainda mais irracional e insensato (FREUD,1915; 1917).

Na transferência negativa, a hostilidade ganha destaque, estando as construções e interpretações do analista mais vulneráveis a críticas e outras formas de rechaço. Essa hostilidade costuma demorar para aparecer, estando relacionada ao desprazer que gera o desvendamento do recaiado. O ódio é mais antigo que o amor e se liga à conservação do Eu, sendo odiados e considerados estranhos os objetos que causam desprazer. Logo a figura do analista, comprometida com o desejo inconsciente, torna-se um alvo lógico ao longo do processo analítico. Embora decerto indique um vínculo, a hostilidade transferencial pode inviabilizar o tratamento. Contudo, a transferência hostil nem sempre é sinônimo de resistência ou de reação terapêutica negativa. Ela é a encenação da história libidinal do

sujeito, na qual o ódio pode ser protagonista, sendo essencial que essa agressividade, agora manifesta, seja redirecionada. Especialmente com relação à transferência hostil, o tato e o humor do analista se fazem necessários para que se torne claro que os sentimentos vividos como atuais, na verdade, pertencem ao passado (FREUD,1912;1915a;1917)

A transferência negativa pode também ter um uso terapêutico positivo para o sujeito quando contribuir para sua autonomização, pois a agressividade é um derivado de Eros em sua fusão com a pulsão de morte. O uso positivo da transferência negativa é vinculado às neuroses traumáticas e ao masoquismo. Nas neuroses traumáticas, a transferência agressiva pode ser uma forma inaudita de resistir ao trauma, reconfigurando as fronteiras do aparelho psíquico rompidas pelo trauma. No masoquismo, a transferência negativa pode ser uma forma de redirecionar a pulsão de morte para fora do sujeito. Constatar que a transferência negativa pode ter um uso terapêutico positivo não significa dizer que essa transferência não precise ser analisada, para que, após ser utilizada em prol do tratamento, seja ultrapassada (FREUD,1917; MILLER,2002; ROBERT,2015).

Um aspecto que não pode ser evitando a fim de compreender a transferência é a sugestão. A sugestão é uma modalidade primordial de funcionamento psíquico, consistindo também em um método terapêutico, presente na sugestão hipnótica, por exemplo. Na terapia por sugestão, o terapeuta é uma espécie de depositário da razão e do bem, e sua ação terapêutica consiste em convencer o paciente de uma verdade, servindo-se de sua influência pessoal para atingir tal fim. A verdade é portada pelo terapeuta, que como um educador a inculcará no paciente. Essa verdade diz respeito à subjetividade do terapeuta, do que ele considera como bom e saudável, e não à do paciente. Na psicanálise, a verdade está na história do sujeito, registrada no inconsciente, sendo inicialmente uma incógnita. A sugestão comparece na transferência e para que a psicanálise não regrida à sugestão é necessário que a transferência seja analisada. Contudo, sempre permanece um resíduo de sugestão na psicanálise (FREUD,1920/2010; PERON,2004; ROUDINESCO, PLON,1998).

2.2 A TRANSFERÊNCIA EM LACAN

É no manejo e na análise da transferência que residem a especificidade da psicanálise em relação às demais psicoterapias. Lacan faz um retorno à Freud a partir da teoria do significante, da formalização dos conceitos de desejo e demanda, fortalecendo o embasamento teórico da transferência. O remate das contribuições lacanianas ao entendimento de transferência está na formulação dos conceitos de sujeito suposto saber e desejo do analista.

O que motiva um sujeito a entrar em análise é o sofrimento. O serviço que ele vai pedir ao analista é que este solucione o enigma do próprio sofrimento, fazendo-o cessar. O processo analítico se inicia com a estranha demanda de que o analista- alguém com quem não se deveria ter intimidade alguma- detenha um saber sobre aquilo que o sujeito porta de mais íntimo, pois o que se vai pedir ao analista é a verdade sobre o próprio desejo. O que funda a análise é um erro, pois o sujeito supõe e demanda ao analista que tenha uma solução/saber para o próprio desejo/ problema, mas que eles não têm. O analista detém um saber acerca da teoria psicanalítica, mas não sabe sobre o desejo daquele sujeito em específico. Sujeito suposto saber designa o lugar em que o analisante coloca o analista em sua demanda e é a condição necessária para o estabelecimento da transferência (LACAN,1960-1961/1998;1964/1998).

A suposição de saber é um processo lógico que se articula intimamente à constituição da transferência, a qual supõe que o analista seja colocado no lugar de Outro. O Outro é um conceito que possui mais de uma acepção ao longo do ensino lacaniano. Em linhas gerais, é possível

identificar o Outro à instância que dá consistência e ordem ao mundo, pois é dele que emanam os significantes e é através das relações entre significantes que os sentidos são determinados. É o Outro que garante a significação da realidade e que media as relações entre os indivíduos (outros). O Outro é uma posição estrutural, lógica, que pode ser representando pelos pais (ou cuidadores), pela cultura ou ainda pela própria linguagem. Na relação transferencial, o analista opera como Outro em dois sentidos. Primeiro, no sentido de ser investido com os afetos relativos aos Outros significativos da história do analisante, propiciando um vislumbre do que o sujeito espera do Outro a quem se dirige nas suas relações. Segundo, a partir do momento em que o analisante se engaja na associação livre, em falar qualquer coisa que lhe ocorra, até mesmo o que aparenta ser corriqueiro e sem sentido, ele confere ao analista o lugar daquele capaz de dar significação a sua experiência. O analista é então receptáculo dos significantes que dão corpo à fala do analisante e se espera dele que detenha a significação (LACAN, 1960-1961/1992; MAURANO, 2006; MILLER, 2002).

Entretanto, o analista não pode encarnar esse lugar de detentor do saber que lhe é imputado, pois assim sairia do lugar de analista e operaria por sugestão, e estaria, por conseguinte, dirigindo o sujeito. Estipular metas e comportamentos ideais, assim como apoiar-se num diagnóstico que captura imaginariamente o sujeito são posições daquele que detém o saber, são posições de mestria, incoerentes com a práxis do psicanalista, que opera com incógnitas por não saber exatamente o que está procurando. O analista não pode ser mestre pois o desejo do sujeito é da ordem do não-sabido. Continuamente, para se manter no seu lugar, o analista deve recusar a posição de poder que lhe é conferida: alçado ao lugar de Outro significativo, o analista não pode cair na tentação de ocupar o lugar de supereu do sujeito, pois a psicanálise não é uma reeducação emocional (FREUD, 1912b/2010; LACAN, 1958/1998; 1964/1998; MILLER, 2002).

O inconsciente é o discurso do Outro. Esta asserção lacaniana, repetida a ponto de ter se tornado um axioma, assinala que o sujeito é constituído através da relação com o Outro, seja este encarnada numa figura significativa ou no Outro social. O sujeito do inconsciente, que é o alvo da psicanálise, nasce através de uma relação, e, portanto, para que o recalçado se traduza à consciência é necessário a presença desse Outro, imputado ao analista- pondo em xeque a operatividade da autoanálise. Outra consequência da supracitada asserção é que o sujeito é constitutivamente alienado pelos significantes fornecidos pelo Outro e no início da transferência, quando o analista é colocado no lugar de Outro, essa alienação reaparece. Cabe ao analista não renovar a alienação constitutiva, evitando resvalar para a sugestão (LACAN, 1964/1998).

A transferência, núcleo da operação analítica, é antes de tudo uma relação, pois a medida que o analisante fala, há um receptor/alocutário implicado. Contudo, esta relação em nada se assemelha a uma relação intersubjetiva, dual e simétrica. É uma relação profundamente dissimétrica, distante das trocas intersubjetivas, pois se cabe ao analisante falar não importa o quê, revelando sua subjetividade sem nada esconder, à subjetividade do analista, aos seus sentimentos e aos seus juízos cabe o lugar de morto, a fim de que o analista cumpra sua função de testemunho. Em seu trabalho, o analista paga com sua pessoa e com o que há em seu juízo mais íntimo, pois a subjetividade do analista constitui um obstáculo à análise. Quanto menos o analista mortificar sua subjetividade durante o trabalho, maior a probabilidade de a contratransferência sair de seu controle e interferir na análise (LACAN, 1958/1998; 1964/1998).

O analista dirigirá o tratamento a partir da pessoa a quem dá corpo na transferência. Em outras palavras, toda operação analítica está subordinada ao estabelecimento da transferência. Do lado do analisante, a transferência é testemunha da abertura do inconsciente e do lado do analista é a partir dela que articulará sua escuta e suas intervenções. O sujeito pode até frequentar o analista, mas até que a transferência tenha sido estabelecida, não haverá se concretizado a entrada efetiva em análise.

A subjetividade do analista deve ocupar o lugar de morto e é por isso que o analista paga com sua pessoa, que na análise possui a função de significante, assumindo a significação transferencial dada pelo analisante (MILLER, 2002). O analista não pode recusar o lugar que lhe foi reservado na fantasia do analisante, tendo que partir do engodo transferencial para fazer seu trabalho, contanto que posteriormente analise tal transferência:

“ Só que essa interpretação, quando ele a faz, é recebida como proveniente da pessoa que a transferência lhe imputa ser. Aceitará ele beneficiar-se desse erro de pessoa. A moral da análise não contradiz isso, desde que ele interprete tal efeito, sem o que a análise se reduziria a uma sugestão grosseira. Posição incontestável, exceto pelo fato de que é como proveniente do Outro da transferência que a fala do analista continua ser ouvida, e de que com isso o momento do sujeito sair da transferência é adiado *ad infinitum*”(LACAN, 1958/1998, p.597).

Além de pagar com sua subjetividade, que engloba sua pessoa e aquilo que há em seu juízo mais íntimo, o analista paga com palavras. Constituído em análise enquanto Outro, lugar da significação e da verdade, o analista tem que ser extremamente cauteloso com cada palavra que emite, pois todas elas terão o poder de operar um deslizamento significativo, ou seja, de uma interpretação e até mesmo de decidir a identidade de seu receptor. A cautela com suas intervenções deve observar também a imago em que foi colocado pela transferência. Destaca-se a importância do silêncio do analista, sendo melhor que ofereça somente seus ouvidos e testemunho do que forneça uma interpretação leviana a cada alocação do analisante. Pode-se dizer que o analista também paga com seus ouvidos, orifícios continuamente abertos a associação livre do analisante (LACAN, 1953/1998; 1958/1998; MILLER, 2002).

Lacan (1964/1998) qualifica a transferência de nó górdio, que é um nó cuja característica é parecer impossível de desatar, mas que quando se consegue achar um fio condutor, ele se desata de uma só vez. Neste ponto é possível verificar a continuidade do pensamento lacaniano com o freudiano, pois o nó górdio é um termo frutífero para designar a transferência em análise, que se exacerba e complica a ponto de criar um novo sintoma, a neurose de transferência, mas quando esta é resolvida conduz à verdade do sintoma inicial. Na noção de nó górdio também fica clara a dupla face da transferência, de atravancar e impulsionar o acesso ao inconsciente (FREUD, 1917/2006).

A transferência é uma via, ao mesmo tempo, precária e direta ao inconsciente. Por um lado, a transferência permite acessar o inconsciente, mas, por outro lado, tal abertura dura pouco, haja vista que a pulsação temporal do inconsciente e as resistências logo responderão com o fechamento dessa instância. A transferência, colocando o analista como significante para o analisando, revela um dos significantes nos quais este está fixado. Em termos freudianos, a transferência que facilitara o acesso ao inconsciente, passa a servir às resistências à medida que a análise se aproxima de complexos inconscientes importantes. A interpretação se assenta no paradoxo da transferência, pois só deve ser proferida quando o sujeito passar do campo da palavra e da lembrança, para o campo da atuação (LACAN, 1964/1998).

Lacan (1960-1961/1998) ressalta que transferência e repetição não são sinônimos. A transferência contém uma dimensão essencial de repetição, mas é uma repetição dirigida a alguém com quem se fala, é uma repetição que precisa de um interlocutor, de alguém. O analista faz parte do campo do inconsciente do analisante pois é um significante que é captado na repetição da cadeia significativa do sujeito, e, inserido nesta repetição, é testemunha de um encontro sempre faltoso do analisante com a pessoa visada na transferência, que não passa de uma miragem na relação analítica. É necessário analisar a transferência para que o analisante possa se abrir para o devir (LACAN, 1964/1998;

MILLER,2002).

A influência estruturalista na psicanálise lacaniana gera um entendimento de que se deve ir além dos diferentes afetos que matizam o fenômeno da transferência para compreender a situação analítica. Circunscrever a análise da transferência aos afetos que a permeiam é limitar-se à dimensão imaginária, colocando-se ao nível da intersubjetividade, incorrendo então num erro técnico grave. Não obstante, é necessário se servir desse imaginário para acessar e afetar o simbólico, facultando a mudança de posição subjetiva. Miller (2002) lembra que o sujeito suposto saber é o fundamento transfenômico da transferência e que a condição necessária para análise é que o analista se constitua como Outro. Na transferência positiva, o Outro é sujeito suposto saber, confia-se nele, enquanto a transferência negativa estaria relacionada à suspeita, ao “se estar de olho” e à deposição de saber. Como ressaltado anteriormente, o uso positivo/ terapêutico da transferência independe do colorido afetivo: a confiança cega pode ser muito perniciosa e um pequeno montante de suspeita pode favorecer a produção de saber, afastando a análise da sugestão (LACAN,1964/1998; MILLER, 2000).

O amor e a transferência são fenômenos extremamente semelhantes e interconectados- não sendo por acaso que Lacan (1960-1961/1992) dedica parte significativa do seu seminário sobre a transferência a explorar “O banquete”, uma obra que versa sobre o amor. O amor é sempre transferencial, pois é determinado pela repetição de clichês do passado e condicionado pelas fantasias do sujeito. Por isso possui uma dimensão intrínseca de tapeação: o que se ama é uma fantasia que se reedita no encontro com o objeto amado. O que o amante não possui e vai buscar no amado não é aquilo que o amado tem para dar, mas aquilo que falta em si. O narcisismo é inerente a dimensão de tapeação no amor, pois amar é querer ser amado pelos próprios ideais que se supõe encontrar no outro. Em análise, o amor que o analisante dedica ao analista é na verdade ofertado ao seu ideal de eu, projetado sobre a pessoa do analista (LACAN,1964/1998; MILLER,2002)

O amor de transferência é tão frequente porque a análise é iniciada com uma demanda do sujeito, um pedido ao analista de que lhe ensine o que lhe falta: um saber sobre o próprio ser e o próprio desejo. Sem a demanda não há suposição de saber, logo a demanda instiga a transferência e permeia toda a relação analítica. A demanda é sempre uma tentativa faltosa de veicular o desejo através dos significantes, o que na análise se dá pela via da fala. No “Banquete”, Platão (2009) conceitua o desejo em sua articulação com a falta. Verifica-se a influência do conceito platônico de desejo nas formulações de Lacan (1958/1998), para quem o desejo nasce de uma demanda insatisfatoriamente atendida, do mal-entendido inerente à linguagem. O sujeito vai à análise demandar um saber sobre sua falta, delegando ao analista o segredo do seu desejo. Cabe ao analista frustrar essa demanda, pois ele desconhece o desejo do analisante, assim como o analisante também desconhece seu desejo- podendo ser a demanda que faz ao analista nefasta para si próprio. Com a frustração da demanda, através do trabalho associativo do analisante, emergirão os significantes que lhe são determinantes e ele poderá se aproximar do próprio desejo. É o analisante que deverá descobrir seu desejo e responder à pergunta “O que eu quero ” (LACAN, 1960-1961/1992;1964/1998).

O desejo do analista é um conceito formulado por Lacan (1960-1961/1992) para designar o posicionamento que se espera do analista. O desejo do analista é uma das resultantes da análise pessoal do analista- exigida para a sua formação- a qual deve ter propiciado uma resolução mínima de seus conflitos e sintoma subjetivos para que possa disponibilizar sua libido para o desejo de que o desejo do analisante emergja. Ou seja, o desejo do analista é o de favorecer a irrupção do desejo do analisante, de levá-lo a ocupar-se de suas questões. É o desejo do analista que sustenta sua postura, a qual deve tender para a neutralidade, permitindo-o mortificar sua subjetividade na medida do possível. Em relação à neutralidade, esta consiste no horizonte ideal que deve balizar a prática do

analista, mas cuja concretização completa é da ordem da impossibilidade, porque na análise o que ocorre é da ordem da comunicação do inconsciente do analista e analisante, logo a contratransferência é inevitável.

“É o seguinte: se o analista realiza como que a imagem popular, ou igualmente a imagem deontológica de apatia é na medida em que é possuído de um desejo mais forte que os desejos que poderiam estar em causa, a saber, de chegar às vias de fato com seu paciente, de toma-lo nos braços ou atirá-lo pela janela. Isso acontece. Eu teria mesmo maus augúrios, ousou dizê-lo, para alguém que jamais houvesse sentido isso” (LACAN, 1960-1961/1992, p.187).

Como afirmou Lacan (1960-1961/1992) de maneira enfática nesse trecho, os analisantes despertam nos analistas sentimentos dos mais variados tipos. O analista bem analisado experimentará sentimentos contratransferenciais, mas terá consciência deles e saberá lidar com os mesmos, pois seu desejo de analista irá se sobrepor a isso. A resistência é referida por Lacan (1958) como exclusiva do analista e advém de uma contratransferência não analisada, que turva a percepção deste: são os pontos cegos de sua subjetividade (FREUD, 1912b/2010; MILLER, 2002).

O desejo do analista difere do desejo de ser analista, pois este concerne à manutenção de um semblante, à busca de se conformar a uma imagem estereotipada de analista, sendo prejudicial à análise, pois ao se preocupar em parecer ser, em manter uma postura e atingir uma eficácia, o analista afeta negativamente sua escuta flutuante, fechando seu inconsciente com tal sorte de preocupação. O desejo do analista também não deve se contaminar pelo *furor sanandi* que traz uma pressa e uma urgência de mudança incongruente à atemporalidade do inconsciente, podendo interferir com o silêncio do analista, o qual é guiado pela cautela. Por fim, é o desejo do analista que permite-lhe recusar o lugar de Outro, de mestre, para se colocar como objeto que o sujeito pode descartar no final da análise, facultando ao sujeito a autonomia e evitando que a neurose de transferência se perenize e a análise se torne uma prótese psíquica (FREUD, 1912b/ 2010).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divisão estabelecida nesse artigo seguiu a arbitrariedade do cronológico, embora não se trate de uma evolução entre as obras de Freud e Lacan. Não poderia se tratar de uma evolução, pois a psicanálise não se configura como saber positivista. Foi enfocada, pelo contrário, a continuidade entre as teorizações de ambos, mostrando como o retorno à Freud feito por Lacan conferiu maior embasamento aos conceitos freudianos.

A partir do estudo realizado, verificou-se a dualidade constitutiva do fenômeno da transferência na clínica psicanalítica, pois esta pode se configurar tanto no maior facilitador quanto no pior empecilho ao tratamento analítico, assim como constatou-se que os afetos que atravessam a relação transferencial não possuem uma relação linear com o tipo de transferência desenvolvida, podendo um afeto de caráter positivo dificultar o tratamento, como pode ser o caso do amor transferencial e da admiração subserviente em relação ao analista.

A transferência é o cerne da experiência analítica e comparece nela de maneira ambivalente, ora favorecendo, ora dificultando o tratamento. Por isso, a psicanálise não se aferra a regras técnicas e um analista não se faz somente pelo domínio da teoria psicanalítica- condição necessária, mas insuficiente para se fazer analista. A transferência, enquanto encenação do desejo inconsciente, traz

ao cotidiano da clínica algo da ordem do imprevisível, em relação ao qual teoria nenhuma pode precaver e em relação ao qual a ferramenta mais adequada de trabalho é a sensibilidade do analista. Torna-se patente o afastamento do discurso científico e o desamparo que caracteriza a posição do analista: não há fórmula para refinar a sensibilidade. Somente a análise pessoal desvendará se o nascimento do desejo do analista é possível.

Sendo a tarefa essencial do analista manejar a transferência, torna-se patente que a clínica psicanalítica é a da ficção, pois é assentada numa fantasia. Uma fantasia que não costuma ser idílica e na qual o analista deverá se embrenhar para dirigir o tratamento a partir do papel que o analisante lhe confere em seu drama, drama encenado no campo da imagem acústica do significante. Constata-se a densidade desse papel: paga-se com a própria pessoa.

FREUD, S. Observações sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 159-175.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo, ensaios sobre metapsicologia e outros textos (1914-1916). *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. v.16. Rio de Janeiro, Imago, 2006. p.251-263.

FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos (1920-1923). *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: _____. *Escritos*, Zahar Ed., 1998. p.591-649.

LACAN, J. (1960-1961). *O seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. (1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MAURANO, D. *A transferência: uma viagem rumo ao continente negro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MEZAN, R. *Tempo de Muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.251-272.

Miller, J.- A. *La transferencia negativa*. Buenos Aires: Editorial Tres haches, 2000. p.5-22.

MILLER, J.- A. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p.55-89.

PLATÃO. *O banquete*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PERON, P. R. Da sugestão à análise da transferência: a noção de cura psicanalítica no início da obra freudiana. *Mental*, ano 2, n. 2, p. 35-53, jun. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S1679-44272004000100004. Acesso em: 15 jan. 2016.

ROBERT, P. F. P. *Da transferência negativa à destrutividade: percursos da clínica psicanalítica*. 2015.201f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

